

## **ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL NO CONTEXTO MULTILÍNGUE: CASO DE GUINÉ-BISSAU**

Ana Sarta Turé<sup>1</sup>  
Jacemine Valéria Sambú<sup>2</sup>  
Marcelino Issa Da Cunha<sup>3</sup>  
Morida Djedju<sup>4</sup>  
Gislene Lima Carvalho<sup>5</sup>

### **RESUMO**

Este trabalho objetiva investigar o modo como é ensinada a língua portuguesa nas escolas de Guiné-Bissau, tendo em conta que este é um país constituído por vastos e diferenciados grupos étnicos que enriquece o seu mosaico linguístico e cultural. O ensino da língua portuguesa neste país é feito de forma pouco apropriada face ao contexto em que é ensinada, neste caso, como língua materna, o que dificulta no aprendizado desta língua para os estudantes das escolas primárias que trazem das suas casas o conhecimento da outra língua, porque a maioria dos guineenses tem o crioulo como primeira língua ou a segunda língua. Este trabalho foi realizado através de estudo bibliográfico baseado na leitura dos textos teóricos que abordaram o assunto e que serviram de suporte para a construção deste trabalho. As discussões foram centralizadas nas obras de Cá e Rubio (2019), INE-GB (2021), Cá (2015), Ançã (1999), Silva e Carvalho (2018), Ié e Carvalho (2018), Dju e Souza (2018) e Embaló (2008) e nas experiências vivenciadas durante o percurso académico. Os resultados apontam diferentes fatores que influenciam na aprendizagem dos jovens estudantes, porque a maioria deles não tem o português como a primeira língua, e a forma mais adequada para o ensino dessa língua seria considerá-la língua adicional voltada à realidade do país.

**Palavras-chave:** Guiné-Bissau Ensino de línguas Segunda língua Língua adicional .

---

Unilab-CE, Instituto de Linguagens e Literaturas, Discente, aninhature@gmail.com<sup>1</sup>  
Unilab-CE, Instituto de Linguagens e Literaturas, Discente, jaceminevasambu2018@gmail.com<sup>2</sup>  
Unilab-CE, Instituto de Linguagens e Literaturas, Discente, issacunha@aluno.unilab.edu.br<sup>3</sup>  
Unilab-CE, Instituto de Linguagens e Literaturas, Discente, muridadjedju@gmail.com<sup>4</sup>  
Unilab-CE, Instituto de Linguagens e Literaturas, Docente, giscarvalho20@gmail.com<sup>5</sup>



## INTRODUÇÃO

Guiné-Bissau é um pequeno país da África ocidental, faz fronteira ao norte com República de Senegal, leste e sul com República da Guiné (Conakri) e oeste com Oceano Atlântico. De acordo com dados do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais das Nações Unidas, a população guineense atual é de 1.991.587 habitantes. E, em conformidade com o recenseamento geral de população e habitação realizado em 2009 pelo Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau (INE-GB), constituída assim por grande variedade étnica, com suas próprias línguas, costumes e estruturas sociais. O país se divide em oito regiões administrativas e um setor autônomo, nomeadamente, Setor autónomo de Bissau, Bolama-Bijagós, Bafatá, Gabú, Oio, Cacheu, Biombo, Quinara e Tombali, e, é composto por 36 setores administrativos. Segundo Benzinho e Rosa (2015, apud Cá e Rubio 2019) "A taxa de alfabetização de todo o país é de cerca de 40%, sendo o abandono escolar elevado por motivos econômicos, sociais e culturais".

O ensino da língua portuguesa neste país é feito de forma pouco apropriada face ao contexto em que é ensinada, neste caso, como língua materna, o que dificulta no aprendizado desta língua para os estudantes das escolas primárias que trazem das suas casas o conhecimento de outra língua, já que a maioria dos guineenses tem o crioulo como primeira língua ou a segunda língua. Este trabalho objetiva investigar o modo como é ensinada a língua portuguesa nas escolas de Guiné-Bissau, tendo em conta que este é um país constituído por vastos e diferenciados grupos étnicos que enriquecem o seu mosaico linguístico e cultural.

O trabalho divide-se em duas etapas a considerar, sendo a primeira composta de estudos dos textos teóricos que serviram de base para a fundamentação e a segunda é baseada nas experiências vivenciadas durante o percurso acadêmico desde o ensino fundamental até o ingresso no ensino superior (universidade).

## METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado através do estudo bibliográfico, baseado nas leituras dos textos teóricos e documentos que abordam o assunto e que serviram de suporte para a construção deste trabalho. As discussões foram centralizadas nas obras de Cá e Rubio (2019), INE-GB (2021), Cá (2015), Ançã (1999), Silva (2018), Ié (2018), Dju (2018) e Embaló (2008) e nas experiências vivenciadas pelos autores enquanto estudantes guineenses, durante o percurso acadêmico.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho tem como foco entender como se dá o ensino de língua portuguesa como língua adicional na Guiné-Bissau, primeiramente pode-se entender o conceito de língua na perspectiva saussuriana enquanto um sistema homogêneo.

A perspectiva a considerar aqui, assentando em critérios sociolinguísticos, define a língua como sendo um conjunto de subsistemas e variantes linguísticas com certas especificidades. A este conceito de "língua-única" sucede um outro: "língua-variedades". Nele estão incluídas as variantes, os lectos - dialetos, sociolectos, tecnolectos - e os registos - elaborado, corrente, familiar, etc. (Ançã, 1991:59 apud Ançã s/d).

Bem sabe-se que na Guiné-Bissau, devido ao seu contexto histórico, a maioria da população fala mais de uma língua, e o português é falado por poucos. De acordo com Cá (2015), o elevado número de falantes de diferentes línguas maternas faz com que a sala de aulas apresente uma diversidade linguística e cultural. O povo guineense identifica-se com a língua crioula e este também é um dos fatores que faz com que a língua portuguesa se perca cada vez na fala dos indivíduos.



De acordo com Cá e Rubio (2019), compreendemos por bem de que a língua materna (LM) é a primeira língua na qual o falante aprende automaticamente, em meio ao convívio familiar, em ambiente natural e sem instruções formais. Diante disso, de tal maneira, as línguas étnicas assim como a língua crioula são vistas como a LM do povo guineense. Em concordância com Grosso (2010, p. 63 apud Cá 2015), “o conceito de língua materna faz alusão à língua da primeira socialização, que tem geralmente a família como principal transmissor”. Por outro lado, é autodenomina L1 por se tornar a primeira língua de aquisição da criança, uma vez que demonstra relações pertinentes, ou seja, que vêm a propósito.

Segundo Embaló (2008), o crioulo guineense é língua franca e, apesar de não ser língua oficial, ela é a língua do cotidiano e da rua, sendo correntemente utilizado nas instituições públicas, em muitos discursos oficiais e até nos debates da própria Assembleia Nacional. Mesmo não sendo a língua do ensino, isso não impede que os professores recorram a ele para fazer com que seus alunos oriundos das tabancas (vilas) que têm nos seus vocabulários as línguas étnicas como a LM compreendam a língua portuguesa.

De acordo com Ié (2018), apenas na escola há contato com o português. Fato que influencia muito no aprendizado dos estudantes, que no seu cotidiano não falam o português na casa e nas comunidades apenas quando estiver na escola. Estes estudantes que têm as línguas étnicas como a LM enfrentam grandes dificuldades, sobretudo aqueles com pouca fluência do crioulo, quando vão à escola deparam-se com o português e, na maioria das vezes, são privados de falarem as suas línguas, daí ficam limitados. Segundo Vilela (2009, p.24 apud Dju e Souza, 2018), a primeira língua tem papel fundamental na aquisição de outras línguas adquiridas posteriormente.

Na aquisição da primeira língua, o aprendiz cria certos costumes. Na aprendizagem da segunda língua, ele transfere os hábitos que tinha criado na língua materna para a língua em aprendizado. Por esta razão, quando um guineense que tem a língua étnica como a primeira língua fala o português, assim como crioulo, tem certas limitações, porque faz essas transferências, isto é, a tradução da sua LM para a L2. Conforme Silva (2018), o guineense consegue expor melhor o seu raciocínio diferente do português, que quando for para expressar depara-se com alguns erros, que muitas das vezes sofrem de preconceito por essa falha.

Durante o percurso acadêmico, os alunos são obrigados a falar o português mesmo não tendo esta língua como primeira língua, o que dificulta muito no aprendizado. Tanto na sala de aula como no pátio, os professores vigiam-nos e ninguém ousa falar outra língua a não ser o português. Há alunos que ficam no silêncio na escola até saírem, porque sentem vergonha de falar e se “errar” será xingado pelos colegas e até pelos professores. O ensino do português é típico da língua materna, o ensino da gramática normativa que não é adequado para a sociedade guineense, que é composta por uma heterogeneidade linguística muito grande e que não reflete nas salas de aula.

A melhor forma que a língua portuguesa devia ser ensinada na Guiné Bissau deveria ser baseada em métodos que considerem a língua portuguesa como língua adicional ou estrangeira. Os materiais didáticos devem incluir a questão de oralidade, os alunos devem ser impulsionados a falar e interagir na língua, por exemplo, existe um ONG Effective Intervention que atua na área da educação nas regiões de Quinara e Tombali, o método que eles utilizam é bilíngue, isso devido à diversidade linguística. Neste caso, os materiais didáticos são elaborados de acordo com a comunidade onde estão atuando, o que ajudou muito no aprendizado da língua portuguesa para os alunos do primeiro ciclo do ensino básico nesta região.

## CONCLUSÕES

Conclui-se que a partir da discussão relativamente às variedades linguísticas existente na Guiné Bissau, salienta-se que o uso de materiais didáticos não representa a veracidade linguística dos guineenses. Uma vez



que os materiais que auxiliam no ensino do português na Guiné Bissau demonstram o perfil próprio da pessoa que usufrui do português como língua materna. Existem muitos fatores que influenciam na aprendizagem dos jovens estudantes da forma como é ensinada a língua portuguesa, porque a maioria dos estudantes não tem o português como a primeira língua. Por este motivo, defendemos que a forma mais adequada para o ensino dessa língua seria como língua adicional voltada à realidade do país.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos imensamente à professora doutora Gislene Lima Carvalho por aceitar conduzir nosso trabalho e fazer algumas correções que permitiu ter eficácia na sua produção e, agradecemos também a Deus e aos ancestrais pela força e coragem que nos deram durante a elaboração desse trabalho e, em especial, à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

## **REFERÊNCIAS**

ANÇÃ, Maria Helena. Da língua materna à língua segunda. Universidade de Aveiro. s/d.

CÁ, Imelson Ntchala e RUBIO, Cássio Florêncio. O perfil dos estudantes e a realidade do ensino de língua portuguesa em Guiné-Bissau. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, n (58.1): 389-421, jan./abr. 2019.

CÁ, Virgínia José Baptista. Língua e ensino em contexto de diversidade linguística e cultural: o caso de Guiné-Bissau / Virgínia José Baptista Cá - Belo Horizonte, 2015.

DJU, Bibiano Luís. SOUZA, Kaline Araújo Mendes de. Transferência linguística no processo de aprendizagem de português por falantes do crioulo da Guiné-Bissau. 2018. 22 f. Artigo (Graduação) - Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2018.

EMBALÓ, Filomena. O Crioulo da Guiné-Bissau: Língua Nacional e Factor de Identidade Nacional. *PAPIA 18*, 2008, p. 101-107

IÉ, David. CARVALHO, Gislene Lima. Políticas linguísticas e a língua portuguesa na sociedade guineense. 2018. 23 f. Artigo (Graduação) - Curso de Licenciatura em Letras-Língua Portuguesa, Instituto de Humanidades e Letras - IHL, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2018.

SILVA, Ciro Lopes da. CARVALHO, Gislene Lima. Multilinguismo na Guiné-Bissau: a interferência do crioulo na língua portuguesa falada e escrita por guineenses. 2018. 22 f. Artigo (Graduação) - Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, Instituto de Humanidades e Letras - IHL, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2018.

